

O BIOLETIM apresenta a seção Ponto de Vista. Este espaço é reservado a resenhas feitas por estudantes e pesquisadores de Biologia. Aqui poderão ser publicados comentários a textos de ciência, filosofia, ou qualquer assunto que possa ser do interesse de biólogos. Esperamos que esta oportunidade estimule a boa leitura de livros e o desenvolvimento do hábito e da capacidade de criticar as obras publicadas. O Ponto de Vista não se propõe a ser o catálogo crítico e explicativo de todos livros, o que seria impossível. Poderíamos até tentar nos aproximar desse catálogo, porém, mais interessante do que isso é valorizarmos a riqueza extraída de cada obra cuidadosamente lida, o que certamente vale mais que a leitura apressada e desconcentrada de toda uma biblioteca.

Vasculhando as Cinzas

Antônio Solé-Cava
Departamento de Genética
Instituto de Biologia/UFRJ

Há muito tempo atrás existia uma cidade — não importa onde era ou como se chamava — ela era uma cidade próspera, no meio de uma grande planície. Um verão, enquanto o povo da cidade estava ocupado, sendo próspero e trabalhador, uma velha mendiga, com um ar estranho, chegou aos portões da cidade carregando doze livros grandes, que ela desejava vender-lhes. Ela disse que os livros continham todo o conhecimento e toda a sabedoria do mundo, e que ela os oferecia à cidade em troca de um simples saco de ouro.

O povo da cidade pensou que a idéia era ridícula. Eles disseram à velha que ela obviamente não tinha a mínima idéia do valor do ouro, e que provavelmente a melhor coisa que ela podia fazer era ir-se embora de lá.

Ela então concordou, mas primeiro disse que ia destruir metade dos livros na frente deles. Ela construiu uma pequena fogueira, queimou seis livros de todo o conhecimento e toda a sabedoria na frente do povo da cidade e foi embora.

O inverno veio e foi-se, um inverno duro, mas a cidade conseguiu florescer através dele e então, no verão seguinte, a velha mulher apareceu de novo.

"Oh, você de novo!" disse o povo da cidade. "Como vão o conhecimento e a sabedoria?"

"Seis livros", ela disse, "só sobraram seis. Metade de todo o conhecimento e sabedoria do mundo. Mais uma vez eu estou disposta a vendê-los a vocês."

"É mesmo?" disseram as pessoas da cidade, de brincadeira.

"Mas o preço mudou."

"Obviamente."

"Dois sacos de ouro."

"O quê?!"

"Dois sacos de ouro para os seis volumes restantes do conhecimento e da sabedoria. É pegar ou largar."

"Nos parece", disse o povo da cidade, "que você não pode ser muito sábia ou com grande conhecimento, ou você perceberia que não se pode andar por aí quadruplicando um preço já absurdamente caro demais, em um mercado de consumo. Se este é o tipo de conhecimento e sabedoria que você está tentando vender, então, francamente, pode ficar com ele."

"Vocês os querem ou não?"

"Não."

"Muito bem, então gostaria de pedir-lhes um pouquinho de madeira..."

Ela construiu mais uma fogueira, queimou três dos livros remanescentes na frente deles, e então foi-se embora pela planície.

Àquela noite uma ou duas pessoas curiosas da cidade foram de mansinho na fogueira e reviraram as cinzas para ver se eles podiam salvar uma página ou duas, mas o fogo tinha sido feito de maneira cuidadosa, e a velha tinha garantido que nenhum pedaço restasse. Não havia nada. Outro inverno veio, a cidade teve poucos problemas com fome e doenças, mas os negócios foram bons, e eles estavam razoavelmente bem financeiramente no verão seguinte, quando, mais uma vez, a velha apareceu.

"Você chegou cedo este ano", eles lhe disseram.

"Menos coisas pra carregar", ela explicou, mostrando a eles os três livros que ela ainda estava carregando. "Um quarto de todo o conhecimento e sabedoria do mundo. Vocês o querem?"

"Qual é o preço?"

"Quatro sacos de ouro."

"Você está completamente louca, velha mulher. Além de tudo, nossa economia está atravessando uma fase difícil no momento. Sacos de ouro estão completamente fora de negociação."

"Madeira, por favor."

"Espere um momento," disse o povo da cidade, "isto não está fazendo bem a ninguém. Nós temos pensado sobre tudo isto, e nós chegamos inclusive a formar um pequeno comitê para dar uma olhada nesses seus livros. Deixe-nos avaliar seu conteúdo por alguns meses, para vermos se eles têm algum valor para nós, e quando você voltar no ano que vem talvez possamos fazer-lhe uma oferta. Mas não pense que vamos poder pagar muito..." A velha mulher balançou a cabeça. "Não", ela disse. "Tra-

gam-me a madeira.

"A madeira não vai ser de graça pra você desta vez."

"Não tem problema", disse a mulher, com pouco caso.

"Os livros devem queimar muito bem sozinhos."

Dizendo assim, ela rasgou as páginas de dois dos livros, e então usou-as para queimar o que restava deles. Ela então foi embora rapidamente através da planície, e deixou o povo da cidade atravessar mais um ano.

Ela voltou no fim da primavera.

"Só sobrou um", ela disse, colocando-o no chão em frente a ela. "Portanto desta vez eu pude trazer minha própria madeira."

"Quanto?" disse o povo da cidade.

"Dezesseis sacos de ouro."

"Mas nós só tínhamos planejado o gasto de oito."

"É pegar ou largar."

"Espere um momento."

O povo da cidade se reuniu rapidamente, e voltou meia hora mais tarde.

"Dezesseis sacos de ouro é tudo o que temos", eles imploraram. "Os tempos estão difíceis. Você tem de nos deixar algum dinheiro de reserva."

A velha mulher simplesmente ficou cantarolando uma musiquinha enquanto começava a fazer a fogueira.

"Tudo bem!" eles gritaram finalmente, no que as portas da cidade foram abertas e duas carroças, cada uma com oito sacos de ouro, foram trazidas, "mas esperamos que esse livro seja realmente bom."

"Obrigada." Disse a velha mulher. "E vocês deveriam ter visto o resto dos livros."

Ela saiu com as carroças e o ouro através da planície, e deixou o povo da cidade prá trás, para que vivessem da maneira que pudessem com o dozeavo restante de todo o conhecimento e sabedoria que já haviam existido no mundo."

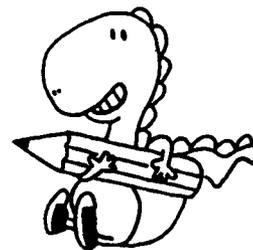
Este texto foi extraído do livro "Last Chance to See", de Douglas Adams e Mark Carwardine (Pan Books, 1991). Ele é uma alegoria clara do que temos feito (enquanto espécie) com o nosso meio ambiente e as outras espécies que vivem nele. Se preservar um Parque Nacional custa algum dinheiro, tentar recuperar as populações das espécies que lá existiam depois delas quase estarem dizimadas custa muito (mas muito) mais. Esta enciclopédia que continuamos a queimar antes mesmo de saber o seu tamanho, contém informações fundamentais para nosso próprio desenvolvimento. Quem diria que um dia as curiosas bactérias que vivem em fontes hidrotermais seriam fundamentais para o desenvolvimento da técnica de amplificação de DNA mais usada atualmente nos laboratórios de engenharia genética? Ou que de algumas espécies de margaridas e de anelídeos pudessem ser extraídos e comercializados inseticidas potentes e menos tóxicos para os vertebrados do que os até então existentes? Como aqueles que vasculham as cinzas, alguns governantes têm percebido que algo está se perdendo, e projetos milionários são feitos no mundo todo para ten-

tar salvar espécies ameaçadas de extinção. Na ilha de Maurícius (onde os Holandeses extinguíram por esporte, no século XVII, o Dodô), existe um projeto norte-americano para preservação de várias espécies indígenas. Uma delas é o pombo-rosa, do qual só existem algumas dezenas. Depois de anos de tentativas de cruzá-los em cativeiro, 20 casais foram soltos no seu local original, para tentar restabelecer sua população natural. O custo estimado do projeto, tendo em conta o investimento na sua manutenção e pesquisa, era de cerca de 2.000 dólares por pombo. Em um mês todos haviam sido mortos por caçadores locais, por curiosidade e por sua raridade. O último pé de café de uma espécie de Maurícius (*Ramus mania*) foi encontrado por acidente em 1981 (a espécie até então era considerada extinta). Ele estava crescendo ao lado de uma auto-estrada, e foi imediatamente cercado para evitar que alguém o usasse como lenha. Bastou ele ser cercado para que as pessoas pensassem "Ah, esta espécie deve ser importante", e começaram a tirar pedaços dela. A isto o projeto conservacionista do governo colocou mais grades em volta da árvore, o que provocou ainda mais a curiosidade predatória das pessoas. O negócio todo escalou de tal maneira que hoje em dia aquela árvore vive no centro de uma cerca de múltiplas camadas de vários metros de diâmetro, com um guarda ao seu lado 24 horas por dia.

A enciclopédia perde seus livros rapidamente. Extinção é pra sempre, e se tivermos de esperar a perda para descobrirmos a importância, talvez estejamos fazendo como o povo daquela cidade, que poderia ter tudo por uma fração do que pagaram por uma fração.

**Ciência
HOJE**
das crianças

A única revista
de divulgação
científica
para crianças



INFORMAÇÕES:

Tel.: (021) 295-6198 • Fax: (021) 541-5342